

Perspectivas para a ciência teológica no século XXI a partir do realismo crítico de Xavier Zubiri

Perspectives for theological science in the 21st century from the critical realism of Xavier Zubiri

*Matheus da Silva Bernardes**

Resumo: Diante dos reptos apresentados à ciência teológica neste século, é preciso destacar um especial: o abuso do *logos* teológico para referendar projetos autoritários e autocráticos de poder político. “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” é apenas um exemplo do mencionado abuso. Como a ciência teológica, *logos* humano sobre a revelação divina e a resposta livre e consciente do ser humano a essa revelação, possibilita mencionado abuso? Por muito, falou-se que a Teologia deveria partir da realidade, mas até que ponto é possível elaborar um *logos* a partir da realidade? Um possível caminho para a superação desse desafio é o uso realismo crítico de Xavier Zubiri, filósofo contemporâneo espanhol. A busca pela realidade realizada pelo autor, sobretudo na Trilogia da Inteligência senciente, aconteceu mediante a análise fenomenológica do ato de apreensão da realidade; Zubiri, portanto, coloca-se no nível primordial do ato. Ignacio Ellacuría e Jon Sobrino, inspirados pela Filosofia zubiriana, ressaltaram a centralidade da ação e a necessidade da determinação de seu âmbito para o desenvolvimento do discurso teológico. Este breve trabalho tem como objetivo pesquisar as bases zubirianas do método teológico de Ignacio Ellacuría e Jon Sobrino para apresentar perspectivas para a Teologia do século XXI.

Palavras-chave: Ação. Realidade. Método teológico.

Abstract: Faced with the challenges presented to theological science in this century, we must highlight one in particular: the abuse of the theological *logos* to endorse authoritarian and autocratic projects of political power. “Brazil above everything, God above everyone” is just one example of this abuse. How does theological science, a human *logos* about divine revelation and the free and conscious response of human beings to this revelation, make this abuse possible? It has long been said that Theology should start from reality, but to what extent is it possible to elaborate a *logos* from reality? One possible way of overcoming this challenge is with critical realism by Xavier Zubiri, a contemporary Spanish philosopher. The author’s search for reality, especially in the Trilogy of Sentient Intelligence, took place through the phenomenological analysis of the act of apprehending reality; Zubiri therefore places himself at the primordial level of the act. Ignacio Ellacuría and Jon Sobrino, inspired by Zubiri’s Philosophy, emphasized the centrality of action and the need to determine its scope for the development of theological discourse. This brief paper aims to investigate the Zubirian basis of Ignacio Ellacuría and Jon Sobrino’s theological method to present perspectives for Theology in the 21st century.

* Doutor em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e professor da Faculdade de Teologia da PUC-Campinas.

E-mail: matheus.bernardes@puc-campinas.edu.br

Keywords: Action. Reality. Theological method.

Introdução

Nossa apresentação começa com a famosa expressão da Carta de Paulo aos Filipenses: “temor e tremor” (Fl 2,12). Evidentemente, o apóstolo referia-se a um tema muito mais grave e sério que aquele que tentaremos expor brevemente: Paulo refletia sobre a salvação na comunidade cristã. Acreditamos não estar diante de um problema tão grave e sério como a salvação, ou seja, viver na presença de Deus – tema central para a Teologia –, porém, sentimos, sim, “temor e tremor” para apresentar algumas perspectivas para a ciência teológica no século XXI a partir do pensamento zubiriano.

Primeiramente, partiremos de algumas intuições básicas que podem – podem! – significar novas possibilidades para a Teologia no século XXI. Em segundo lugar, é preciso apresentar uma situação concreta que vivemos nestes primeiros vinte anos do já não tão novo século, que afeta diretamente o discurso teológico.

Não se trata de uma situação completamente nova e desconhecida; basta pensar nos impérios antigos que fundavam o poder do monarca no poder divino. O discurso teológico tem sido usado – quando não, abusado – para referendar discursos de poder. “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” foi o nome do desastre vivido pelas brasileiras e pelos brasileiros de 01 de janeiro de 2018 a 30 de dezembro de 2022. Embora o projeto de poder da extrema direita bolsonarista já não ocupe mais o Palácio do Planalto, o discurso teológico continua sendo usado para justificar o *status quo*.

Como é possível um *logos* sobre Deus, ou mais exatamente, um *logos* sobre a revelação de Deus e sobre a resposta livre do ser humano, a fê, referendar situações sociais, em que o próprio ser humano, autor desse *logos*, é contrariado, quando não negado? O que haveria nesse *logos* que possibilita essa contradição? Até mais, não seria o próprio *logos*, independentemente de ser teológico, limitado e limitante?

Que o *logos* nos diz algo acerca de uma coisa real significa que não inteligimos o que essa coisa é em realidade senão desde a intelecção de outra, anterior. Pois bem, essas duas coisas, aquela que queremos inteligir o que é em realidade e aquela anterior desde a qual inteligimos, são, cada uma, termo de apreensão primordial. De forma que, na intelecção do que algo é em realidade, intervêm duas apreensões. Primeiramente esta é apreendida como *real* em apreensão primordial; por exemplo, uma coisa como realidade na paisagem. Mas há outra apreensão desde a mesma coisa real já apreendida, e enquanto é o que é *em realidade*: o apreendido em apreensão primordial, dizemos agora que consiste em ser árvore. E é desde a intelecção dessa árvore que inteligimos que a coisa real na paisagem consiste, em realidade, em ser árvore. Esta

segunda apreensão já não é apreensão primordial de realidade. É algo diferente: é uma *apreensão* que chamarei de *dual*. (ILG, p. 55-56)¹

As reflexões de Xavier Zubiri, no segundo volume da Trilogia da Inteligência senciente, apresentam, por um lado, o *logos* como reatualização do real à inteligência (ILG, p. 52; GRACIA, 1986, p. 140); por outro, porém, apontam a um *logos* frágil e limitado (GRACIA, 1986, p. 150; BERNARDES, 2022, p. 56). A realidade, em sua forçosidade, supera o *logos* e exige formulação e constante reformulação (ILG, p. 52); isso também vale para o *logos* teológico – importante, teológico, não teologal – por mais portador da revelação de Deus e da resposta humana livre a essa revelação. Por conseguinte, fechar o *logos* teológico, o que assistimos perplexos nos primeiros anos do século XXI, é um grave erro que aproxima a Teologia mais à ideologia que à ciência.

1 O simples *estar*

A recepção da Filosofia zubiriana ainda é a tímida, quando não nula, da parte dos filósofos brasileiros (MEINHARDT, 2020, p. 17-24). Sem entrar no mérito das causas que tornam Zubiri um grande desconhecido no Brasil seja por erros estratégicos, seja por leituras muito equivocadas do autor, seja pela restrição da leitura dos textos do autor nos círculos de cientistas da religião, merece destacar o fato de que Zubiri filosofou em um idioma irmão ao português, o espanhol.

Seu grande conhecimento de idiomas proporcionou-lhe a análise etimológica de muitos termos e, portanto, a apresentação de significados muito mais primordiais de palavras que pertencem ao nosso dia a dia. Refletindo sobre a ciência teológica, aludiremos a uma distinção que é possível somente em espanhol, idioma de nosso autor, e em português: *ser* e *estar*.

Nesse sentido, abre-se diante de nós uma possibilidade para pensar não a partir do *ser*, erro do pensamento ocidental tantas vezes indicado pelo próprio Zubiri (FERRAZ, 1988, p. 57; BERNARDES, 2022, p. 30-31), mas a partir do *estar*, ou seja, daquilo que simples *está*. Importante: aquilo que *está* desde si mesmo; aquilo que *está em próprio* ou, como o termo que mais nos conhecemos, *está de suyo*.

Mas o que essa mudança pode oferecer à ciência teológica? Sem entrar em maiores detalhes, aquilo que simplesmente *está* desde si mesmo não sou eu, ou seja, partir do *estar* permite-nos pensar a alteridade radical, aquela que anterior a todo e qualquer sentido, o que em

¹ Tradução nossa.

nossa mera apreciação é a grande diferença entre Zubiri e Levinas (ISIR, p. 34-35). Embora, ambos os filósofos sejam devedores da Fenomenologia husserliana, ao chamar o outro de “tu” Levinas não alcança a radicalidade de Zubiri para quem outro é aquilo que simplesmente *está* desde si mesmo, *está de suyo* (GONZÁLEZ, 1999, p. 82).

Não obstante, como alcançar a alteridade radical? Seria possível? Ao nos fazermos essa pergunta estamos aproximando-nos da aventura daqueles que, no mundo grego antigo, se lançaram a pensar as coisas. A Fenomenologia do século XX assumiu essa tarefa abandonada pela Filosofia medieval e moderna, que se perderam no horizonte de *niiliadade* desde o momento em que Agostinho de Hipona introduziu o dogma cristão da criação com a Filosofia. *Zu den Sachen selbst* afirmou Edmund Husserl, contudo, o autor acabou se perdendo nos atos da consciência intencional (PINTOR-RAMOS, 1996, p. 50-58). Zubiri, por outro lado, ao formular e reformular seu conceito central, a realidade, abre uma possibilidade para superar a infinita distância entre “eu” e aquilo que não sou eu, o que simplesmente *está* desde si mesmo.

2 A ação e a Teologia

Zubiri dedicou-se, especialmente na Trilogia da Inteligência senciente, à análise fenomenológica o ato de apreensão da realidade, ou seja, é possível superar a infinita distância entre o “eu” e aquilo simplesmente *está de suyo* mediante um ato, uma ação. Sem entrar em maiores detalhes sobre as distinções entre ato e ação – trabalho realizado por Antonio González (GONZÁLEZ, 1999, p. 84-101) – lançaremos mão da reflexão do autor.

O real é outro e podemos alcançá-lo mediante um ato, ou seja, nossos atos permitem a superação mencionada e permitem porque nossos atos não são “outro”, inclusive mais, nossos atos são “invisíveis”; graças aos atos, graças à ação, podemos alcançar e pensar o outro, pensar as coisas, pensar o real. Nesse sentido, a Praxeologia proposta por González, desde a Noologia zubiriana, torna-se um caminho muito viável, inclusive para a Teologia.

Por fim, observemos que os atos, como transcendental primeiro, e a alteridade, como transcendental segundo, não estão em absoluto deslocados. Os atos como transcendental primeiro constituem o âmbito no qual as coisas, em sua alteridade radical, se atualizam a nós como transcendental segundo. A alteridade radical das coisas em nossos atos remete-nos à alteridade real das coisas, como independência dos próprios atos. Há plena continuidade na alteridade. Isso elimina, pelo menos do ponto de vista da Filosofia, todo dualismo. (GONZÁLEZ, 1999, p. 83)²

² Tradução nossa.

Partindo do fato de que a ciência teológica é *logos* sobre a revelação de Deus e a resposta humana livre do ser humano a esse Deus que se revela, a fé, a superação da distância entre Deus e o ser humano, da parte de Deus, acontece mediante sua ação. Aqui, contudo, é preciso seguir, além de González, a Ignacio Ellacuría que afirma ser fundamental não só determinar a ação de Deus para com o ser humano, mas a âmbito dessa ação. Tal âmbito recebeu na tradição bíblica o nome de *Reinado de Deus* (ELLACURÍA, 2000, p. 212; AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 144).

O que caracteriza o *Reinado de Deus*? Que Deus *reina*! O *logos* veterotestamentário, especialmente aquele presente nos profetas, e o *logos* neotestamentário, especialmente aquele presente nos lábios de Jesus de Nazaré, nos falam do *Reinado de Deus*, ou seja, do *reinar* de Deus. Sem querer entrar em pormenores, o *Reinado de Deus* reveste-se da dinâmica que revela um Deus que sempre sai ao encontro do ser humano no mundo.

Com isso, já não falamos de um Deus imóvel, mas um Deus que está em constante movimento, um Deus cuja palavra é criadora (Gn 1,2), que elege um Povo para si (Gn 12,1), que desce para libertar esse Povo ao ter ouvido seus clamores (Ex 3,7), que caminha com ele, que, embora tendo o Povo para ele suas costas, já o abandona; falamos de um Deus que se faz carne (Jo 1,14), que caminha pela Galileia e pela Judeia e chama de bem-aventurados os pobres em espírito, os aflitos, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os que promovem a paz, os que são perseguidos por causa da justiça, os que insultados e perseguidos (Mt 5,2-12), que se deixa crucificar, mas cuja vida é pura abundância capaz de vencer a morte (Lc 23,5). Já não falamos de um Deus do *status quo*, mas de um Deus que subverte esse *status quo*.

Embora já tenha sido um marco da Teologia latino-americana da Libertação, isto é, partir a reflexão teológica desde o *Reinado de Deus*, do *reinar* de Deus, uma possibilidade muito plausível para a ciência teológica neste século, especialmente para afastar-se de discursos que referendam projetos autoritários, é redescobrir a primazia da *ação*, ou como fora chamado pelos teólogos da Libertação, a primazia da *práxis* (AQUINO JÚNIOR, 2009, p. 406-415).

Nesse sentido, merece destaque o foi trazido à luz por Ellacuría: a Teologia não é um momento, mas um momento *de*, isto é, a Teologia não se restringe à teoria teológico, mas é a teoria teológica e um momento reflexivo e crítica *da práxis* teologal (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 144). Por outro lado, Jon Sobrino também recorda que a Teologia não é somente *intellectus fidei*, mas *intellectus amoris*, não é só a *fides quaerens intellectum*, mas o *amor quaerens intellectum* (SOBRINO, 1988, p. 260). Os teólogos nascidos na Espanha, porém salvadorenhos pelos inúmeros anos de trabalho no pequeno país centro-americano, insistem que em primeiro

lugar não está a revelação de uma doutrina sobre Deus, mas a própria *práxis teologal* que se apresenta, nas palavras de Sobrino, como *princípio-misericórdia* (SOBRINO, 1988, p. 255-256).

A redescoberta da ação bondosa e misericordiosa de Deus, conforme é possível ler nas páginas tanto do Antigo, como do Novo Testamento, e pode ser contemplada no rosto do Filho de Deus encarnado, no rosto de Jesus de Nazaré é uma possibilidade para que a Teologia no século XXI não esteja usada e abusada como simples discurso que justifica projetos autoritários e autocráticos, como aquele vivido no Brasil entre 01 de janeiro de 2018 e 30 de dezembro de 2022.

3 Retomando Xavier Zubiri

A leitura de Zubiri não é tarefa simples para teólogos, contudo o desafio está lançado e, na medida do possível, avançamos. Aqui, resgatamos um elemento que tem aparecido com muita frequência nos estudos de Teologia litúrgica³, isto é, a Liturgia compreendida como *ação simbólica* (SC 05).

Muito debate-se sobre o papel da Liturgia dentro da Igreja, sobretudo em um tempo no qual “panos, fumaça e sucesso pastoral”, usando a conhecida expressão de Joel Portela, ganham tanto destaque. Infelizmente, a Liturgia passa a ser vivida, especialmente por ministros ordenados, não em uma perspectiva do *ethos* cristão, mas apenas como expressão de uma estética autorreferencial, quando não egocêntrica. Não entremos em pormenores sobre a questão, porque isso nos tomaria muito tempo.

Entretanto, redescobrir a Liturgia como *ação simbólica*, até mais, como *ação* de Cristo na Igreja, “na qual cristão fazem a outros cristãos”, como o próprio Zubiri apresenta em *El problema teologal del hombre: Dios, religión, cristianismo* (PTH, p. 651. 712-713). Tal ideia foi recolhida por um teólogo dedicado à Sacramentária, o jesuíta José Millás, professor emérito da *Pontificia Università Gregoriana*, em Roma (MILLÁS, 2014, p. 252).

Independentemente do conteúdo, o que chama a atenção é o fato de o próprio Zubiri e, posteriormente, Millás, que se inspira em sua Filosofia, partam da *ação*, da *práxis* para elaborar o *logos* teológico. Retomando o que já apresentamos anteriormente, a *ação* é precisamente o

³ O grupo de pesquisa “Teologia litúrgica e Inteligência senciente” vinculado ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-SP tem se dedicado especialmente à interface entre a Teologia litúrgica e o pensamento zubiriano, como ampliação da base teórica de pesquisa.

que permite ao “eu” superar a infinita distância daquilo que simplesmente *está* desde si, afinal o “eu” apreende aquilo que *está* em um ato.

Não queremos entrar no tema da constituição do “eu”, problema filosófico complexo em Zubiri – passar do “meu”, ao “mim” para, finalmente, chegar ao “eu”. Em todo caso, vale a pena ressaltar que esse processo, no fundo o processo da constituição da *pessoa*, é marcado pelo ato apreensivo, ou dito mais amplamente, pela *ação*. Recolhendo novamente a Praxeologia de González, não podemos restringir a noção de *ação* ou do conjunto das *ações* do ser humano, a *práxis*, à perspectiva de Karl Marx, em que a *práxis* é compreendida como transformação social, e tampouco à perspectiva de Maurice Blondel, em que a *práxis* está sob a moral (GONZÁLEZ, 1999, p. 76).

González compreende a *práxis* em uma perspectiva muito mais primordial recolhendo a tradição aristotélica da noção, em que o antônimo de *práxis* não é a *theoría*, mas a *poiesis*. Novamente, não dispomos de tanto tempo para nos aprofundarmos sobre o tema, o que chama a atenção, porém, é o fato de que como *re-ação*, usando uma expressão de Sobrino, o *logos* teológico tem seu âmbito mais próprio na *ação*, na *práxis* e não no próprio *logos*, que tanto tem se mostrado passível de usos e abusos.

Considerações finais

Para concluir, vale a pena a seguinte pergunta: se o âmbito próprio do *logos* teológico é a *ação*, a *práxis*, por que a Teologia se restringe tantas vezes ao próprio *logos*? Atrevemo-nos a citar Diego Gracia e seu livro *Voluntad de verdad*, pelo simples ato de apreensão daquilo que *está* desde si mesmo, que *está de suyo*, o ser humano já não afirma que foi lançado (*geworfen* nas palavras de Martin Heidegger), mas implantado no real, implantado na realidade – porque Deus mesmo, sendo o fundamento da realidade, *está*, por livre decisão, implantado na realidade (GRACIA, 1986, p. 245).

O poder do real, portanto, impulsiona o ser humano à busca da verdade. Contudo, não se trata de uma busca fácil, é muito exigente, talvez tarefa para toda a vida. Fazendo uso de um argumento teológico, não podemos esquecer-nos que o ser humano vive, como indicou Hans Urs von Balthasar e, posteriormente, Luis Francisco Ladaria, dentro de um drama que transparece no rosto crucificado de Jesus: o drama da graça e do pecado (BALTHASAR, 1993, p. 486; LADARIA, 2015, p. 25). O pecado, a *hybris*, portanto, também *está* presente na

elaboração do *logos* teológico afastando-o da verdade, afastando-o da realidade e, conseqüentemente, da realidade.

Logo, é fundamental que, além de encontrar como âmbito próprio a *ação*, a *práxis*, o *logos* teológico no século XXI tem que estar disposto à conversão, como também insiste Sobrino (SOBRINO, 1988, p. 249-255). Toda Teologia que se propõe a ser uma base que referenda discursos autoritários e autocráticos seja do Estado e, até, da própria Igreja, mas que não se abre à conversão ao Deus que está sempre em ação – ao Deus do *Reinado* e ao *Reinado* de Deus – não é uma Teologia do século XXI.

Referências:

- A BÍBLIA de Jerusalém, Nova edição revista, São Paulo: Ed. Paulus, 2002.
- AQUINO JÚNIOR, F. A teologia como “intellectus amoris”. A propósito da crítica de Clodovis Boff a Jon Sobrino. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, fasc. 274, p. 388-415, abr. 2009.
- _____. *Teoria teológica. Práxis teológica*. 1. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2012.
- BERNARDES, M. *Introdução a Xavier Zubiri*. Pensar a realidade. São Paulo: Ed. Paulus, 2022.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. (SC). Roma: 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 14 dez. 2023.
- ELLACURÍA, I. *Escritos teológicos I*. San Salvador: UCA, 2000.
- FERRAZ, A. *Zubiri: el realismo radical*. Madri: Ed. Cincel, 1988.
- GONZÁLEZ, A. *Teología de la praxis evangélica*. Ensayo de una teología fundamental. Santander: Ed. Sal Terrae, 1999 (Presencia teológica, 99).
- GRACIA, D. *Voluntad de verdad*. Para leer a Zubiri. Barcelona: Ed. Labor, 1986.
- LADARIA, L. F. *El Dios vivo y verdadero*. El misterio de la Trinidad. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2015.
- MEINHARDT, G. Zubiri no Brasil: encobrimento e descobrimento. In: BERNARDES, M. COSTA, V. NEVES, M. (Org.). *Xavier Zubiri: Interfaces*. São Paulo: Ed. Ideias & Letras, 2020.
- MILLÁS, J. *Cristianismo y realidad*. La credibilidad de Cristo en J. Monserrat y la novedad teológica de X. Zubiri. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2014.
- PINTOR-RAMOS, A. *Génesis y formación de la filosofía de Zubiri*. 3. ed. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1996.
- SOBRINO, J. Teología en un mundo sufriente. La Teología de la liberación como “intellectus amoris”. In: *Revista latinoamericana de Teología*, San Salvador, v. 15, p. 243-266, sep./ dic. 1988.
- VON BALTHASAR, H. U. *Teodramática 3*. Las personas del drama: el hombre en Cristo. Madri: Ed. Encuentro, 1993.

ZUBIRI, X. *Inteligencia sentiente*. Inteligencia y realidad. (ISIR). Madri: Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, 1980.

_____. *Inteligencia y logos*. (ILG). Madri: Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, 1982.

_____. *El Problema Teologal del Hombre: Dios, Religión, Cristianismo*. (PTH). Madrid: Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri. 2015.